

AS PRÁTICAS DE DIVERSÃO E O MODO DE VIDA MODERNO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX EM MONTES CLAROS-MG¹

DR. LUCIANO PEREIRA SILVA

Departamento de Educação Física e Programa de Pós-graduação
Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais
(Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil)
E-mail: lpereira45@hotmail.com

RESUMO

A transição do século XIX para o século XX configura-se como uma época assinalada por grandes transformações sociais. Neste contexto, os ideais modernizadores podem ser percebidos mesmo em regiões que vivenciaram de formas mais intensas o crescimento urbano e o movimento de industrialização em outros marcos cronológicos. Os apelos para a necessidade de um comportamento entendido como moderno são frequentes e passam, entre outros, pelas práticas de diversão. Este estudo investiga práticas de diversão na cidade norte mineira de Montes Claros a partir do que foi publicado em jornais do início do século XX. Nesta localidade, no período destacado, o teatro e o cinema passam a ser vistos como hábitos de diversão que aproximam a população da cidade de um desejado modo de vida moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; modernidade; práticas de diversão; cidade.

1. O trabalho contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais-FAPEMIG.

INTRODUÇÃO

O período formado pelos últimos anos do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil pode ser entendido como uma época de intensas transformações sociais. Sobretudo nas cidades, tais transformações impactavam no modo de vida da população e eram por muitos entendidas como um processo de modernização.

O processo de modernização da sociedade mudou a relação do indivíduo com o espaço em que ele vive. De uma maneira geral, podemos dizer que a vida tornou-se mais pública e esse espaço palco de novas experiências que, oriundas das transformações sociais do período, muitas vezes, possuíam um forte apelo educativo.

Dentre as modernas experiências, são destacadas nesta pesquisa as práticas de diversão. Estas foram valorizadas na medida em que eram vistas como expressões de uma nova sociedade, hábitos de um homem que sentia-se partícipe de um novo tempo. As vivências de diversão foram um dos principais meios de preparar a população para a vida moderna e, ao mesmo tempo, sua adoção expressava um vínculo ao que era novo, à civilidade desejada.

O foco desta pesquisa é a cidade norte mineira de Montes Claros, nas primeiras décadas do período republicano brasileiro. Mesmo localizada geograficamente distante dos grandes centros, adotou-se, neste estudo, a hipótese de que o processo de mudança de hábitos sociais foi intenso no município, que não estava imune ao movimento oriundo dos grandes centros que impelia as cidades a um suposto progresso. Assim, este trabalho teve como objetivo investigar o discurso de que a vivência de certas práticas de diversão compôs o ideário da modernidade. Para alcançar o objetivo proposto foram consultados jornais publicados em Montes Claros nas primeiras duas décadas do século XX.

Na época em estudo, a imprensa periódica incrementou o debate público de questões sociais que emergiam em uma época assinalada pelo desejo de transformações sociais. Para Vieira (2007, p. 16-17),

O jornal – entendido como lugar de produção, veiculação e circulação dos discursos – assume uma função importante no processo de formação das representações sobre o mundo. A produção da matéria jornalística, apoiada em processos conscientes e/ou inconscientes de seleção do que deve ser considerado notícia, tem a força de tornar coisas visíveis ou invisíveis, de criar efeitos de verdade e de objetividade sobre mitos e/ou de conferir plausibilidade a posições absurdas.

Foram pesquisados exemplares de três jornais da cidade, todos sob a guarda da Divisão de Pesquisa e Documentação Regional - DPDOR da Universidade

Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. São eles: A Verdade, Montes Claros e Gazeta do Norte.

A Verdade

Dirigido e redigido pelos cônegos premonstratenses belgas², o periódico A Verdade foi inaugurado no dia 1º de maio de 1907. Possuía tipografia própria e funcionou por mais de 10 anos. Durante esse período, promoveu diversas campanhas, com destaque para a criação do Bispado na cidade. Apesar de oficialmente não possuir orientação partidária, foi redigido nos anos 1911 e 1912 pelo deputado Camilo Philinto Prates, um dos principais representantes no norte de Minas Gerais do Partido Liberal (durante o Império) e de uma ala do Partido Republicano Mineiro.

Montes Claros

O jornal Montes Claros tinha como redator e proprietário, durante quase toda a sua existência, o farmacêutico Antônio Ferreira de Oliveira. Surgiu em 1916 e, em seu programa, assumiu o compromisso de “bem servir à causa do município que traz o nome, tratando de sua administração, dos moldes em que devia basear-se, dos requisitos de administrador, bem como de agitar as questões palpitantes da lavoura, da pecuária, do comércio, das grandes e pequenas indústrias” (MIANNA, 1964, p. 240).

Gazeta do Norte

Impresso em tipografia própria, o Gazeta do Norte teve seu primeiro número publicado em 06 de julho de 1918. Foi fundado pelo Dr. José Tomaz de Oliveira, pernambucano que se mudou para Montes Claros no final do século XIX. Teve atuação política destacada, chegando a ser atacado e destruído mais de uma vez por opositores.

De acordo com Lessa (1993, p. 173), desde o início de sua publicação, este jornal “já continha as modernas características dos jornais das grandes cidades: fotos, charges, anúncios com desenhos, a novela com folhetim”.

DIVERSÃO E MODERNIDADE

Optou-se neste trabalho pelo uso do termo diversão, pois, segundo Melo (2010), a adoção desse termo permite tanto considerar recortes temporais

2. Religiosos de uma Ordem religiosa católica belga que chegam à cidade a partir de 1903 para suprir a falta de padres na região.

anteriores à modernidade como, mesmo no âmbito da modernidade, estar atento ao fato de que as antigas formas de diversão não foram repentinamente substituídas pelo novo que se instituiu.

Com a industrialização e a valorização da cidade como um distinto local de vivência social:

Desenvolve-se uma ideia que antes pareceria paradoxal: descansar não é mais não fazer nada, mas escolher entre um novo conjunto de atividades que se apresenta. Na verdade, paulatinamente a dinâmica do tempo da produção (do trabalho) impregnará o lazer (não trabalho), um dos elementos que ajuda a entender (como causa e consequência) a nova excitabilidade pública (MELO, 2011, p. 69).

Mesmo que o processo de industrialização tenha ocorrido várias décadas mais tarde em Montes Claros, mudanças nas vivências sociais, dentre elas na prática de diversão, podem ser claramente percebidas nas primeiras décadas do período republicano. Para ponderar sobre as práticas de diversão como representantes de um mundo moderno ou de um passado que deveria ser superado e como instrumentos educacionais destacamos o teatro, a jogatina e o cinema.

Sevcenko (1992) afirma que, com a propagação do ideal da modernidade, o antigo hábito de descansar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Nessa nova realidade todos eram chamados para irem às ruas para o estímulo dos sentidos, para o exercício dos músculos. Conforme Melo (2010), uma das marcas da modernidade é a vivência pública da diversão.

Sevcenko trata das mudanças urbanas ocorridas em São Paulo, cidade que, no final do século XIX, já contava com mais de 240 mil habitantes e vivenciava um crescimento vertiginoso com o loteamento de antigas chácaras ao redor do núcleo histórico da cidade e a expansão contínua da área urbana. Apesar das especificidades desse processo em São Paulo, em outros locais, mesmo que distantes dos grandes centros, a experiência moderna da diversão também foi valorizada.

O clamor por essas atividades também ocorria em Montes Claros e era expresso nos jornais. Ainda com muitas características rurais e com uma incipiente oferta de práticas de diversão, os trechos transcritos a seguir representam o entendimento que a falta de opções sobre essa vivência deixava um hiato nos hábitos sociais do município.

A nossa cidade não tem uma vida constante e animada, em se fallando propriamente da convivencia social e de diversões. Clubs recreativos, não temos e só uma vez ou outra, da união de algumas familias, surge um passeio em grupo pelas ruas, um jogo de prendas ou uma soirée modesta. De ha muito que nada disso vemos: como que uma indiferença esmagadora e dissolvente baixou sobre os lares... E assim, uma certa tristeza nos envolve [...] (MONTES CLAROS, 05 de abril de 1917, ano I, n. 47, p. 3).

Fala-se constantemente em falta de diversões nesta cidade. É realmente uma lacuna lastimável na vida da sociedade de Montes Claros. Ha dias, então, nos quaes a nossa terra é de uma insipidez sem nome: nos santificados e feriados, quando se fecham as casas de commercio. Pode-se, então, fazer cessar tal estado de cousas; basta que appareçam algumas pessoas de boa vontade e de iniciativa, para dar movimento á população e facilitar pontos de encontro onde a gente se divirta. Seria de se elogiar a empreza que nos raeabrisse o salão de cinematographo; mereceria applausos e amparo o grupo de amadores que nos desse, aos menos, de semana em semana, um espectáculo theatral de peças leves, modernas, instructivas e moraes [...] (GAZETA DO NORTE, 07 de junho de 1919, ano I, n. 49, p. 1).

É preciso ressaltar que o que era publicado nos jornais retratava um discurso educacional da elite que não era necessariamente assimilado e seguido uniformemente por toda a população. Nessas falas, fica evidenciado que o apelo por diversão direcionava-se para certos tipos de práticas tidas como adequadas e que essas vivências, consideradas atributos do moderno, contribuiriam para a instrução da sociedade.

O TEATRO, A JOGATINA E O CINEMA

Nas primeiras décadas do período republicano brasileiro, a prática do teatro foi incentivada em Montes Claros sobretudo pelos religiosos da Ordem dos premonstratenses. Para estes, haviam práticas de diversão lícitas que deveriam ser propagadas na sociedade; entre estas, destacava-se o teatro. Visto como um incentivador do progresso humano, representava o culto ao estético, ao espírito, em contrapartida aos prazeres físicos. Logo nos primeiros anos de trabalho na cidade, esses religiosos fundaram um grupo teatral denominado São Genesco que apresentou durante a sua existência 29 peças. Além desse grupo, os religiosos incentivavam a frequência a espetáculos teatrais de outros grupos.

O grupo São Genesco foi fundado pelo Padre Vincart³ assim que ele se mudou para o antigo prédio da Escola Normal. Com um espaço privilegiado, mandou armar um palco em um dos salões do imóvel. Com cerca de quarenta rapazes como sócio-fundadores, o grupo era bem conhecido e admirado na cidade (PAULA, 1957).

Conforme Maurice Gaspar (2011), missionário premonstratense que redigiu relatório sobre a atividade dos religiosos no norte de Minas Gerais no início do século XX, dois missionários belgas, Vincart e Maussen (Padre Bento), dedicaram-se

3. Dentre os premonstratenses que atuaram em Montes Claros, Vincart conseguiu efetivo destaque. Além das tarefas religiosas comuns, ministrava aulas particulares de física e de francês à noite e esteve à frente do jornal A Verdade. Além disso, incentivou a difusão de hábitos modernos entre a população, como a frequência ao teatro e a prática do futebol.

muito para o desenvolvimento do grupo que, durante dois anos, realizou mais de vinte apresentações, das quais algumas tiveram grande sucesso. Após dois anos de funcionamento o grupo cessou suas atividades, pois os premonstratenses transferiram-se para uma nova residência que não possuía local apropriado para reuniões deste gênero.

Em manifestação publicada no ano de 1907 no jornal A Verdade, por ocasião do pouco público presente em uma apresentação do grupo Myosotis, formado por alunos da 4ª. cadeira de ensino, argumentaram os religiosos:

O theatro, antes de florescer, parece decahir em uma sociedade como a nossa [...]. Em Montes Claros o divertimento e o recreio ainda não se apreciam convenientemente, ainda não se preferem prazeres estheticos á satisfação das sensibilidades phisicas [...]. Um representação scenica é um livro impresso em tantos exemplares, quanto são os espectadores [...]. Infelismetamente como se vê ha ainda corações petrificados, que não vibram com o divino fluido, que tem sido a força geratriz de todo progresso humano. Não, não vae bem esse indifferentismo mal entendido, enervador da prosperidade e do progresso, incompatível com a civilização de Montes Claros. Não é só o corpo que tem necessidades, o espirito também as tem. Brevemente haverá no "S. Genesco" a representação de um drama importante, recreativo e moralizador, que deve ter espectadores para não ser desaproveitado. O gosto do bello conduz ao gosto do bem (A VERDADE, 14 de dezembro de 1907, ano I, n. 27, p. 1).

"Divino fluido", "progresso humano", "prosperidade", "civilização", "moralizador", "bello", "bem", são palavras e expressões associadas ao divertimento que impõem um direcionamento bem delineado para sua experiência. Não havia espaço para a recreação desinteressada, pois a formação humana não podia prescindir dessas vivências. Mais do que uma forma adequada de diversão, as peças teatrais contribuía, na visão dos premonstratenses, para a formação do espírito do homem. Tais manifestações deveriam ser apoiadas pela sociedade sob pena de ser vista como atrasada.

Além do São Genesco, os memorialistas locais relatam a existência de outros grupos teatrais: o "Grêmio Dramático Montes-clarense", fundado em 1918 por Luis José Soares Amorim, que recebeu antigos membros do São Genesco; e o "Grêmio Dramático Afonso Pena Junior", criado por dissidentes do grupo citado anteriormente e dirigido por José Tomaz de Oliveira e por seu filho, Ari de Oliveira (PAULA, 1957).

Apesar da suposta valorização do teatro, sobretudo devido ao seu caráter formador, quase todas as peças divulgadas nos jornais da época são montagens de grupo de amadores, como o São Genesco ou grupo de estudantes das escolas locais. Raras vezes, é encontrado nos jornais o anúncio da passagem de um grupo teatral pela cidade, com a oferta de um espetáculo profissional.

Além da localização geográfica de Montes Claros, apelo publicado no jornal Gazeta do Norte no ano de 1919, em época de discussão, pela Câmara Municipal, do orçamento da cidade para o próximo ano, indica outra possível causa dessa ausência.

Agora que se acha na Camara, em discussão, o orçamento para 1920, não seria mal amparada de certo a emenda que consignasse uma taxa módica para os espectáculos de qualquer natureza. A nossa cidade vive constantemente sem distracções, não podendo existir aqui, um cinema porque só a Camara cobra por noite a importância de 26\$000. Acontece que não são pagos todos os espetáculos, havendo felizes que nada pagam ao passo que outros são obrigados ao pagamento da taxa integral. Uma taxa módica seria justo e equitativo terminando-se com o arbitrio, sempre prejudicial em materia de impostos. Aos srns. Vereadores pedimos a atenção para o caso (GAZETA DO NORTE, 04 de outubro de 1919, ano II, n. 65, p. 1).

Se o teatro explicitava o que de mais nobre poderia ser vivenciado pelo espírito da época, do lado oposto encontravam-se as diversões relacionadas à jogatina. Julgada como prática de desocupados, ela corrompia o espírito e, assim, deveria ser combatida. Vista como um mal da sociedade, precisava, inclusive, da intervenção policial para a garantia da moralização dessas práticas.

O snr. tenente Paula Rego, delegado de policia do municipio, no louvavel proposito de acabar com a jogatina e vagabundagem que campeiam na cidade, iniciou um rigoroso policiamento por elle proprio fiscalizado. S. s. pede-nos para fazer sciente a todos, que são prohibidos os jogos de roleta, bacarat, vinte e um, trinta e um, pavuna, jaburú, buzio, monte, vispora, lasquet, estrada de ferro. etc. e que dará busca em toda e qualquer pessoa suspeita ou desconhecida, applicando as penas da lei aos que forem encontrados com armas. A "Gazeta" só tem que applaudir actos como esses, praticados no verdadeiro interesse publico (GAZETA DO NORTE, 01 de fevereiro de 1919, ano I, n. 31, p. 1).

Muitos hábitos poderiam desviar o homem da postura correta, civilizada. Os jogos de azar, por exemplo, exerciam força contrária à consolidação de preceitos da vida urbana. Ademais, era preciso novos cuidados, pois, em uma outra interpretação, o gradativo ingresso no rol dos locais civilizados poderia provocar novos inconvenientes, como destacou notícia a seguir:

Vida Social

[...] No interior não impera o vicio, não campeia a malícia nem faz sortidas a gatunagem – o sertanejo é pacato, é simples, é ordeiro por indole, salvo as excepções e casos esporádicos como os ha e existem em todas as classes sociaes. A civilização afasta muitos inconvenientes, apura o gosto da sociedade e a colloca no seu justo plano; mas (é duro de

dizer, porém necessário) acarreta e traz muitos outros, entre eles a corrupção do caracter, principalmente em nosso paiz e ainda em tempo de carnaval. Que horror!

No Moral - Perda da religião - Relaxamento de costumes - Falta de pudor - Perigo no lar - Adulterio - Paganismo.

No Physico - Dinheiro perdido - Tuberculose; bronchites - Congestões - Aggressões.

Tudo isso é o que decorre do Carnaval... (MONTES CLAROS, 15 de fevereiro de 1917, ano I, n. 40, p. 2).

Curiosamente, o número seguinte do mesmo jornal, talvez pela ocorrência de protestos em defesa do carnaval na cidade, caracterizava tais festas como problemáticas apenas em outras cidades, não sendo o caso de Montes Claros. "O carnaval sertanejo só se parece com o que alludimos, na forma; no fundo é inteiramente o inverso - brinca-se muito, diverte-se à vontade, a expansão a todos domina e arrebatava, havendo, porém, sempre o maximo respeito e observancia irreprehensivel de todos os principios de moral e educação" (MONTES CLAROS, 22 de fevereiro de 1917, ano I, n. 41, p. 2).

É patente que o colunista do jornal que tratou do tema carnaval não tenha mudado de opinião em apenas uma semana. O segundo texto assemelha, em primazia, a um tipo de retratação pelo ataque a um hábito difundido entre moradores da cidade, muitos deles leitores do jornal. Conforme Vianna, (1964, p. 114), o carnaval sempre foi muito apreciado pelos montesclarenses, sendo vivenciado pela elite local principalmente através da frequência a bailes, onde sempre se destacavam "Ary de Oliveira, Cyro e Benjamin dos Anjos, Benedito Gomes, Carlitão, Jacintho Mar e Terra [...]".

Dentre as várias possibilidades de diversão, nenhuma parece representar tanto o desejo de modernização como o cinema. Criado nos últimos anos do século XIX, o cinematógrafo já fazia parte da realidade montesclarenses antes da República. Entretanto, provavelmente pela aparelhagem técnica ainda pouco desenvolvida, as sessões de cinema foram bastantes irregulares nas primeiras décadas após sua chegada na cidade.

Ainda no século XIX a cidade já possuía um "cosmorama"⁴ que apresentava vistas (imagens) da Europa. Em 1912, com curta duração, Elpídio Freire instalou um cinema ambulante em um chalé próximo ao sobrado do Dr. Marciano Alves Maurício. Em 1914 surgiu o primeiro cinema fixo da cidade que fechou em pouco tempo por não proporcionar lucros aos proprietários e reabriu em 1917, mas

4. Um dos nomes atribuídos a um dos primeiros projetores de imagens (modelo Méliès). As vistas animadas, precursoras das projeções de cinema, eram algo como fotografias ou pinturas em vidro projetadas numa tela como os slides de hoje. Essas vistas tinham nomes diversos tais como sylphorama, diaphanorama, panótipo ou cosmorama (STECZ, 1988).

também com pouca duração. A partir dos anos 1920 outros cinemas surgiram e alguns deles funcionaram por muitos anos (PAULA, 1957).

Em pesquisa que procurou realizar um levantamento da filmografia cinematográfica em Montes Claros, Jailson Dias Carvalho (2009) informa que inicialmente eram exibidas vistas, como os seguintes títulos: *A Rendição de Porto Arthur*, *O amante da lua*, *A Revolução Francesa*; algumas eram obras de grande sucesso, como *Quo Vadis?* romance histórico do século I. A partir dos anos 1920, destaca o autor, podem ser observados nos jornais da época anúncios de exhibições de películas em que atuavam grandes estrelas norte-americanas do cinema mudo, como Gloria Swanson, Mabel Julienne Scott e Norma Talmadge.

De acordo com Pinto (1999, p. 139), o cinema do início do século impacta fortemente na sociedade. Entre as mulheres, por exemplo, o que era exibido contribuía para a construção de uma imagem feminina que se opunha “frontalmente às mulheres do lar provinciano, arcaico, e representava, antes de tudo, a mulher moderna, que trabalha fora e que participa ativamente da vida pública”.

Apesar de o cinema ser uma modalidade de diversão reconhecidamente moderna, isso não quer dizer que ele dispensasse diversos cuidados para garantir que se configurasse como uma vivência adequada. Texto publicado em 1916 alerta para os seus “perigos” em Montes Claros.

O cinema, este genero de diversão moderna, vem, de tempos para cá, se infiltrando pelas sinuosidades da sociedade... e já chegou até nós. Por duas faces podem ser apreciados os seus efeitos, ou melhor, as impressões que communica aos expectadores. É uma escola e, como tal, tem seus pontos vulneraveis e tem seus pontos aproveitaveis [...]. Quando uma sociedade já possui uma certa desenvoltura intellectual e de costumes, outra já pode ser a orientação: mais arte, mais gosto e, enfim, mais liberdade na escolha das peças. Quando, porém (o que se observa em nosso meio), os elementos sociaes são ainda inteiramente heterogenios e levianos, a escolha deve recahir somente sobre assumptos que não deixem margem a qualquer interpretação equívoca [...]. A empresa (Rabello & Rebello) teve a coragem e energia precisas de enfrentar e remover dificuldades que tohem as tentativas deste genero, proporcionando á sociedade montesclarenses horas de prazer e momentos de recreio. Tenha agora o escrupulo devido na escolha do assumpto compativel com o nosso meio ainda entremeado de preconceitos e ainda longe de apreciar um pouco de arte mais fina, sem lhe pôr um commentario que offenda o decoro publico (MONTES CLAROS, 11 de maio de 1916, ano I, n. 1, p. 2).

O autor do texto transcrito alerta para uma série de especificidades desta prática. Inicialmente destaca-a como uma escola, com grandes possibilidades educativas. Entretanto, ressalta o autor, por estar em uma sociedade ainda pouco desenvolvida e inapta para apreciar a “arte mais fina”, devia ser oferecida com cuidado, a partir

da seleção de “assuntos que não deixem margem para qualquer interpretação equivocada”. Com estas afirmações, estipulam-se os limites desta diversão moderna na cidade e a grande distância que os moradores do norte de Minas Gerais ainda estavam dos locais percebidos como realmente civilizados.

A preocupação expressa nos jornais com os possíveis inconvenientes que o cinema poderia provocar ganha ênfase pelo destaque que ele assumia desde a sua criação. Para Pinto (1999), o cinema foi visto como corolário da modernidade, mediante um contexto de deslumbramento frenético pela novidade e de novos ritmos urbanos emergentes.

Em outra nota, é destacado o comportamento pouco urbano (entenda-se pouco civilizado) da população local durante a frequência às sessões. Fica claro na mensagem do autor que, de uma forma ideal, esse tipo de diversão relacionava-se à educação em dois sentidos: por um lado, poderia ajudar na formação do caráter moderno, era uma “escola”; por outro lado, era necessário ser educado para frequentá-lo adequadamente.

Ideal Cinema.

As sessões de domingo passado e terça-feira 1^o. do corrente, foram esplendidas e tiveram uma concorrência magnífica e animadora. Isto podia acontecer sempre, tendo-se em conta que o cinema é a diversão da actualidade, accrescendo ser a única actualmente existente em nossa sociedade [...]. O cinema, em outros logares que conhecemos, é o divertimento predileto das mães de família e das senhoritas; aqui entre nós, da-se quase o contrario: as sessões são mais frequentadas pelos homens que, aliás, ainda deixam, em grande maioria, muito a desejar... Na hora da projecção por exemplo, conservam o chapéu na cabeça, prejudicando assim as pessoas que ficam nos bancos de trás. E o habito de fumar? ah! isto é detestavel! e não somente detestavel e incomodativo: é antes de tudo pouco urbano e altamente nocivo, apezar das excellentes condições da casa [...] (MONTES CLAROS, 06 de janeiro de 1918, ano II, n. 83, p. 3).

Assim como havia acontecido quando da publicação de críticas sobre os perigos do carnaval, comentário veiculado alguns números após a repreensão dos modos dos homens durante as sessões de cinema atenua o problema, afirmando a constatação de um comportamento correto e distinto da plateia durante as sessões.

Ideal Cinema

Continúa esta esplendida casa de diversão a nos proporcionar agradaveis horas de recreio e descanso dos labores quotidianos. As ultimas sessões tem sido compostas de artisticos films do natural e extrahidos de obras celebres da litteratura nacional e estrangeira. Enrêdo

historico elevado, urdidura romantica empolgante e scenas comicas verdadeiramente desopilantes. No domingo passado e quinta-feira desta semana, foram levadas as diversas partes do entrecho do emocional romance de Victor Hugo – “Os Miseraveis”. Com prazer, registramos que o “Ideal Cinema”, de Rabello Júnior & C.^ª, vae se mantendo galhardamente e vai facilitando á nossa sociedade esse util e agradavel meio de se distrahir e gozar algumas horas de lazer. Outro fato que nos vae calando bem no espirito e nos fazendo crêr realmente que não somos um povo de todo sem costumes e sem gosto, são as animadoras concorrencias que temos presenciado ao cinema, é o modo correcto e distincto por que já se vai portando a nossa platéa, é, finalmente, o facto de quasi não se fumar mais no recinto dos expectadores. Que tudo assim continue para nosso bem e para o bem da digna Empresa! (MONTES CLAROS, 24 de fevereiro de 1918, ano II, n. 89, p. 2).

É plausível que a mudança no tom das críticas, nos dois casos, tenha se dado em virtude de protestos de leitores, admiradores dessas práticas de diversão, ou, no segundo caso, dos proprietários das empresas que promoviam a exibição dos filmes. De qualquer modo, esse tipo de “retratação” explicita também que a população dialogava com o jornal, influenciando o que era publicado.

O cinema, expressão marcante de alteração de hábitos na vida cidadina, foi problematizado por diversos autores que debateram a modernização da sociedade. Benjamin (1994) insere o cinema no processo mais amplo do desenvolvimento da técnica da reprodução. O cinema é, para o autor, uma experiência empobrecida, assim como é toda arte oriundos dos mecanismos técnicos (em que o autêntico é substituído pelo reproduzível).

Indo ao encontro das formas de percepção do homem moderno, o cinema distancia-se da cultura tradicional, pois o filme, como criação coletiva destinada a uma massa, baseia-se em seu valor de exposição, e não de culto. “Afirma-se que as massas procuram na obra de arte *distração* enquanto o conhecedor a aborda com *recolhimento*. Para as massas, a obra de arte seria objeto de diversão, e para o conhecedor, objeto de devoção” (BENJAMIN, 1994, p. 192).

As invenções tecnológicas do final do século XIX, conforme Sevcenko (1998), consequências da segunda Revolução Industrial, modificaram o cotidiano das pessoas. Em São Paulo, no início do século XX, este processo, associado ao expressivo aumento populacional, trouxe alterações urbanísticas que abarcaram as formas de diversão. Dentre as novas possibilidades de diversão destacou-se o cinema que, com a exibição de fitas ambientadas nas grandes cidades européias, passou a difundir o modo de vida destas cidades.

A consolidação do cinema em Montes Claros, de acordo com Carvalho (2007), teve como um de seus principais obstáculos as dificuldades enfrentadas para

que os filmes chegassem até a cidade. Os filmes produzidos pela afamada Universal, por exemplo, que começaram a chegar à cidade nos anos 1920, eram alugados por seis dias em Belo Horizonte, percorriam um trecho de trem e outro em diferente meio de transporte; após a exibição, retornavam às pressas para Belo Horizonte para não vencer o período do aluguel. Outra limitação para a afirmação do cinema em Montes Claros, informa o mesmo autor, eram os altos preços dos ingressos, o que pode ser comprovado por críticas encontradas com frequência nos jornais.

A despeito dessas dificuldades, o cinema constituía uma possibilidade de diversão e convívio social para uma parcela da população da cidade. Nas memórias de Cyro dos Anjos⁵, os dias de cinema compõem a lembrança do menino que desejava vivenciar esta moderna possibilidade de entretenimento.

Por certo não me seria possível distinguir um dos outros esses domingos antigos, fundidos num só intemporal domingo, que, ao fim de cada semana, vinha pousar sobre a cidade, entre 1910 e 1918, e, à noite, se despedia com a sessão de cinema de Nhô Quim. Despedida não raro patética, se acontecia passarem um filme da Bertini, que arrancava lágrimas torrenciais à platéia, concomitantemente devastada pelos compassos da valsa *Incêndio de Roma*. Era o momento de glória da flauta do mano Artur, que dominava, sobranceira, o piano e as cordas da orquestra. Nos tempos mais recuados, o Pai não me permitia ir ao cinema, e de olhos compridos muita vez acompanhei o negro João da Mata, arauto do vedado reino, quando à tarde, saía a apregoar o filme, com um cartaz às costas e um moleque a tocar tambor (ANJOS, 1979, p. 48).

A presença importante do cinema na vida do jovem Cyro dos Anjos indica a mudança de hábitos que identificava o novo morador da cidade. Conforme Sevcenko (1992), o cinema era marca de uma juventude que expressava uma nova mentalidade, que era aberta a novidades. Quando eram exibidos filmes produzidos em áreas mais dinâmicas do capitalismo ainda eram propagados valores que contribuíam para a transgressão do tradicional pelos jovens.

Mesmo com inúmeros problemas enfrentados, gradativamente, diversões que recebiam o adjetivo de modernas conquistavam espaço na cidade. Nesse sentido, aderir o significado de moderno a algo era qualificar a prática ou o produto, que como meio de distinção ou identificação (respectivamente, do que era atrasado e ao que era civilizado) poderia despertar o desejo da população.

5. Cyro dos Anjos é um importante escritor brasileiro que viveu a maior parte de sua infância e juventude na cidade de Montes Claros. Parte de suas memórias sobre a cidade estão presentes na obra *A menina do sobrado*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo inserida em uma região distante geograficamente dos centros urbanos de destaque da época, Montes Claros vivenciou transformações urbanas pautadas no desejo da adequação da sociedade a um progresso idealizado em parâmetros que emanavam de centros urbanos da Europa Ocidental e das grandes cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro.

A pesquisa buscou ressaltar que as práticas de diversão como um dos componentes do cenário da modernidade (ou das iniciativas de modernização) também se efetivou em Montes Claros, que não esteve alheia ao movimento inovador em que estavam mergulhadas as principais cidades do país. Neste processo, algumas vivências foram incentivadas, como o teatro e o cinema, e outras combatidas, como a jogatina.

Por fim, é importante destacar a riqueza da utilização de jornais como fontes de pesquisa. Expressando predicativo cultural, a imprensa foi um veículo propagador de percepções e valores. Espelhos de propostas de modernização principalmente da elite, os jornais montesclarenses do período foram utilizados, sobretudo, para impactar no aspecto cultural de uma sociedade vista como atrasada.

Leisure Activities and the Modern Lifestyle in the First Decades of the Twentieth Century in the City of Montes Claros, State of Minas Gerais

ABSTRACT: The transition from the 19th century to the 20th century is characterized as an era marked by great social transformations. In this context, the ideals of modernization are noticed even in those areas that experienced more intensely, in other chronological milestones, the urban growth and the industrialization. At that time, there were many calls for the need of a change to a modern lifestyle which would include leisure activities. The present study investigates, based on records that were published in newspapers, leisure activities in Montes Claros. In this city, during this particular period, the theater and the movie theater started being considered as an enjoyable, fun leisure activity which brought forth the desired modern lifestyle that the city's people was aiming at.

KEYWORDS: Leisure; Modernity; Leisure Activities; City.

Las prácticas de la diversión y la moderna forma de vida en las primeras décadas del siglo xx en Montes Claros-MG

RESUMEN: La transición del siglo XIX y el siglo XX se configura como una época marcada por importantes cambios sociales. En este contexto, el ideal puede ser percibida modernistas incluso en regiones en las que experimentaron en formas más intenso crecimiento urbano y el movimiento de la industrialización en otros hitos cronológicos. Los llamamientos a la necesidad de un comportamiento visto como modernos son frecuentes, se sustituirá, entre otros, por las prácticas de la diversión. Este estudio analiza las prácticas de la diversión en la ciudad de Montes Claros a lo que se ha publicado en los periódicos de principios del siglo XX. Adscrito, el teatro y el cine llegado a considerar como hábitos de diversión que la población de la ciudad de un modo deseado de la vida moderna.

PALABRAS CLAVES: Ocio; modernidad; prácticas de la diversión; ciudad.

REFERÊNCIAS

A VERDADE, Montes Claros, 14 de dezembro de 1907, ano I, n. 27, p. 1.

ANJOS, C. dos. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, 1). São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, J. D. Montes Claros e a exibição cinematográfica. *Cadernos de Pesquisa do CDHS*, Uberlândia, v. 20, n. 36/37, p. 103-109, 2007.

GASPAR, M. *No Sertão de Minas*. [s.l.]: Premonté, 2011. mimeo.

GAZETA DO NORTE, Montes Claros, 01 de fevereiro de 1919, ano I, n. 31, p. 1).

GAZETA DO NORTE, Montes Claros, 07 de junho de 1919, ano I, n. 49, p. 1).

GAZETA DO NORTE, Montes Claros, 04 de outubro de 1919, ano II, n. 65, p. 1).

LESSA, S. N. *Trem-de-ferro: do cosmopolitismo ao sertão*. 1993. 252 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. 1993.

MELO, V. A. de. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. *Rev. bras. Educ. Fís. Esp.* [online]. 2010, v. 24, n.1, p. 107-120.

MELO, V. A. de. O lazer (ou a diversão) e os estudos históricos. In: ISAYAMA, Helder F.; SILVA, Silvio Ricardo da (Orgs.). *Estudos do lazer: um panorama*. Rio de Janeiro: Apucuri, 2011. p. 65-80.

- MONTES CLAROS, Montes Claros, 11 de maio de 1916, ano I, n. 1, p. 2.
- MONTES CLAROS, Montes Claros, 15 de fevereiro de 1917, ano I, n. 40, p. 2.
- MONTES CLAROS, Montes Claros, 22 de fevereiro de 1917, ano I, n. 41, p. 2.
- MONTES CLAROS, Montes Claros, 05 de abril de 1917, ano I, n. 47, p. 3.
- MONTES CLAROS, Montes Claros, 06 de janeiro de 1918, ano II, n. 83, p. 3.
- MONTES CLAROS, Montes Claros, 24 de fevereiro de 1918, ano II, n. 89, p. 2.
- PAULA, H. A. de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Rio de Janeiro: [IBGE], 1957.
- PINTO, M. I. M. B. Cultura de massas e representações femininas na paulicéia dos anos 20. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 19, n. 38, p. 139-163, 1999.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SEVCENKO, N. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.) *História da vida privada no Brasil: da Belle Époque à era do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3. p. 513-619.
- STECZ S. S. *Cinema paranaense (1900-1930)*. 1988. 191 f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Paraná. 1988.
- VIANNA, N. *Efemérides montesclarenses*. Montes Claros: Rio de Janeiro: Pongetti, 1964.
- VIEIRA, C. E. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo do relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, M. A. T. de (Org.). *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-40.

Recebido em: 7 abr. 2013
Aprovado em: 7 ago. 2013